



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor

Alex Bolonha Fiúza de Melo

Vice-Reitora

Regina Fátima Feio Barroso

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Roberto Dall'Agnol

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Diretora

Célia Maria Macêdo de Macêdo

Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Letras

Marli Tereza Furtado

Comissão Editorial

Luis Heleno Montoril Del Castillo

Marília Ferreira

Myriam Chrestian Cunha

Germana Maria Araújo Sales

Hilma Celeste Alves Melo

Conselho Editorial

Abdelhak Razky José Nivaldo de Farias

Angélica Furtado da Cunha Luis Antonio Marcusch

Audemaro Goulart Maria Elias Soares

Benedito José Vianna da C. Nunes Maria Eulália Sobral Toscano

Carl Harisson Maria Lúcia Almeida,

Christophe Golder Myriam Crestian Cunha

Dileta Silveira Martins Patrick Dahlet

Ingedore Villaça Koch Paul Rivenc,

José Carlos Cunha Silvio Holanda

José Guilherme Castro Vanderci de A. Aguilera

MOARA

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA

Sumário

n. 23, janeiro-junho 2005.

ESTUDOS LITERÁRIOS

- 3 APRESENTAÇÃO
- 9 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA ORAL NO ENSINO DE LITERATURA
Frederico Augusto Garcia Fernandes, Rosiana Silva Saito, Daiana Bragueto Martins
- 23 UM PÚBLICO LEITOR EM FORMAÇÃO
Germana Maria Araújo Sales
- 43 A CONTEMPORANEIDADE E OS GÊNEROS LITERÁRIOS: PEDAGÓGICO E/OU PERFORMÁTICO
Daniel dos Santos Fernandes
- 50 LITERATURA COMPARADA: NOVAS FRONTEIRAS CULTURAIS
Dedival Brandão da Silva
- 70 ANTÔNIO CARLOS SECCHIN, O POETA COMO CRÍTICO OU O CRÍTICO COMO POETA
José Luís Jobim
- 85 MULHER E UNIVERSO MÁGICO: A FEITICEIRA
Scarleth Yone O'hara
- 102 A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM MARIA DE TODOS OS RIOS, DE BENEDICTO MONTEIRO
Sheila Maués
- 119 UM ESTUDO DO ROMANCE NA PERSPECTIVA ESPACIAL EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E NÓS, OS DO MAKULUSU, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA
Liliane Batista Barros
- 130 O SUJEITO MULTIPERSONAL EM O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO
Elielson de Souza Figueiredo
- 143 O PLURILINGÜISMO EM QUARTO DE DESPEJO: ESTES DIAS EU FIZ UMAS POESIAS
Doriedson Rodrigues, Salomão Larêdo
- 164 A MANIFESTAÇÃO DO BOI-BUMBÁ EM CHÃO DOS LOBOS, DE DALCÍDIO JURANDIR
Marcilene Pinheiro Leal
- 178 LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA, LITERATURA AMAZÔNICA OU LITERATURA DA AMAZÔNIA?
José Guilherme dos Santos Fernandes

ISSN 0104-0944

Rev. MOARA | Belém | n. 23 | p. 1-189 | jan./jun., 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
BIBLIOTECA

Editor

Myriam Crestian Cunha

Editor Convidado

José Guilherme dos Santos Fernandes

Normalização

Hilma Celeste Alves Melo

Projeto gráfico, editoração eletrônica e capa

Jorge Domingues Lopes

Solicita-se per

Catálogo

Biblioteca Setorial do CLA, UFPA

MOARA. Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém:
CLA/UFPA.

n. 1-22	1993-2004
n. 23	2005

Semestral 189p.; 21cm.

1. Literatura-Periódicos. 2. Lingüística-Periódicos. I. Universidade
Federal do Pará. Centro de Letras e Artes.CDD 805
CDU 8(05)

ISSN 0104-0944

Todos os direitos desta edição reservados para
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS DA UFPA
Campus Universitário do Guamá
Rua Augusto Corrêa, 1
CEP 66075-900 - Belém - Pará
Tel./Fax (91) 3201-7499
mletras@ufpa.br

2005
Impresso no Brasil

CLASS. 805
CUTTER.
TOMBO: 495B54

É com satisfação que apresento este número da Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará — MOARA. Em primeiro lugar, este número 23, enquanto soma, representa o número 5, que teve também a satisfação de apresentar, juntamente com a Professora Doutora Josebel Akel Fares. Por outro lado, o simbolismo de cinco está no fato de que é a soma do primeiro número par (2) e do primeiro número ímpar (3), sendo também símbolo da união e do centro de harmonia e equilíbrio.

Simbolismos à parte, este número da Revista representa o que, decorridos dez anos desde o número cinco (1996), foi amadurecido em termos de Estudos Literários, não só nesta Universidade, mas em uma realidade mais ampla, por isso apresentar artigos não só de professores e pesquisadores da região, também de quem se propõe a tratar da questão no Brasil. O que vejo é um amadurecimento que aponta para um **descentramento** da discussão sobre literatura, cultura e linguagem; esta é a palavra-chave recorrente em todos os artigos aqui expostos: seja em relação à modalidade literária (oral ou escrita), às questões de gênero na literatura, à recepção do texto literário, à poética do escritor-crítico, à interface religião e literatura, ao imbricamento lingüística e texto literário, à movência entre cultura popular e literatura canônica, ao conceito de literatura da Amazônia, o que vai sendo desvelado, porque foi recalçado por visões mais tradicionalistas, são pontos de vista que revelam uma outra visão dos estudos literários, afinada com as preocupações do mundo contemporâneo, e que promove a reconsideração e reconceituação do que era, até então, axiomático. Com isso, ganham os estudos literários pelo alargamento de seu campo conceitual, metodológico e *corpus* de análise; ganhamos nós, estudiosos, pesquisadores e produtores de uma literatura esquecida pela memória dos críticos centralizadores. A mim, esta diversidade de formações e informações é o sentido de harmonia e união das diferenças, que este número, enquanto divisão de cinco, oferece a todos nós.

Também, é bom que se diga, a MOARA é o “cartão de visitas” de nossa Pós-Graduação, ou melhor, lendo os artigos, ora apresentados, podemos depreender o nível e a qualidade de discussões que estão na pauta do dia em nossa Universidade, na área dos estudos literários. Enquanto uma Universidade “periférica”, por estar no “entre-lugar” do universal e do local, nossa identidade se constrói pela diversidade de *constructos*, que também é marca da realidade amazônica: não somos apenas índios, mas afro-descendentes, lusitanos, hispânicos, árabes, judeus, nipônicos, nordestinos, caboclos. Esta condição “periférica” de modo algum se traduz em inferioridade e marginalidade, muito mais sendo condição *sine qua non* para a afirmação de uma epistemologia que tenha o nosso perfil, o perfil de uma realidade pós-colonial.

Por isso, os artigos são diversos. A começar pelo artigo de Frederico Fernandes, Rosiana Saito e Daiana Martins, **Considerações sobre a cultura oral no ensino de literatura**, em que é discutido o espaço da cultura oral no ambiente escolar. Segundo o autor e as autoras, o uso da oralidade dos alunos pela escola pode ser uma maneira de valorizá-los como sujeitos no processo ensino-aprendizagem. Ademais, ao continuar privilegiando a escrita na alfabetização, a escola não destaca a diferença entre as modalidades da língua, negligenciando um tratamento isonômico entre o oral e o escrito, cabendo aos textos orais o estigma de exóticos, se considerada a vertente popular.

Em **Um público leitor em formação**, Germana Sales discute o movimento literário do século XIX no Brasil, indicando que este movimento teve papel fundamental na evolução histórica e cultural daquele momento. Mediante a produção e circulação de prosa ficcional, proporcionou o aumento significativo da população leitora e consumidora de livros, favorecendo, por extensão, à criação de espaços destinados à formação de leitores: escolas, gabinetes de leitura e livrarias. Segundo a autora, as práticas de leitura nos anos oitocentos no Brasil eram bem mais frequentes do que reconhece o senso comum.

O artigo de Daniel Fernandes, **A contemporaneidade e os gêneros literários: pedagógico e/ou performático**, questiona categorias antológicas na teoria literária — a *mimesis* e os gêneros literários — e propõe um conceito de literatura que seja inclusivo da escritura de literaturas marginais, ou seja, de países pós-coloniais e não apenas dos eurocêtricos. E pergunta: ainda é necessário o modelo ideal dos gêneros, baseado nos gregos? Apresenta como saída para o dilema a utilização do conceito de performático (texto da ambivalência e da descoberta do outro) em contraponto ao conceito de pedagógico (texto exclusivo e canônico).

Literatura comparada: novas fronteiras culturais, de Dedival Silva, vai ao encontro da equalização das diferenças teóricas e literárias mediante a Literatura Comparada, pois este estudo, por natureza, tem a vocação à interdependência cultural e ao trânsito interdiscursivo. O deslocamento entre culturas e discursos, segundo o autor, implica em nova visão dos estudos literários comparatistas, levando-os a sair do binarismo essencialista. O diálogo entre História e Literatura é emblemático dessa proposta, pois resulta no conceito de complementaridade, que amplia a compreensão histórica do homem e de sua existência.

Antonio Carlos Secchin, o poeta como crítico ou o crítico como poeta é um artigo que se pauta na leitura da obra do poeta Secchin (Rio de Janeiro, 1952) na perspectiva de que este escritor é “um poeta de poetas e um crítico de poetas”, segundo Ivan Junqueira, citado pelo autor do artigo, José Luiz Jobim. Para Jobim, Secchin realiza um trabalho continuado de auto-edição, numa tendência “ao menos e ao pouco”, referente à trajetória de seus livros, um trabalho constante de re-escritura, em que, freqüentemente, poemas anteriores são alterados por versões subseqüentes. Isso resulta em uma poesia processual, na realização de uma poética em que não há a extremada preocupação com a “aura”, com o eterno e o durável.

Scarleth O'hara nos traz, em seu artigo **Mulher e universo mágico: A Feiticeira**, uma reflexão sobre o romance *A feiticeira*, do historiador francês Jules Michelet, a partir do artigo "La Sorcière" (1964), do semiologista Roland Barthes. Esta leitura simbólica da figura ancestral da feiticeira, que vai além do elenco de sentidos e tipos, apresenta esta figura como mediadora entre homem e universo, promovendo uma perspectiva de inserção da feitiçaria em momentos diversos da história da Humanidade. A feiticeira, neste estudo, é apresentada além da figura institucionalizada, não apenas como personagem-tipo, revestindo-se da complexidade da personagem romanesca moderna.

O artigo de Sheila Maués, **A construção do feminino em Maria de todos os rios, de Benedicto Monteiro**, aborda a identidade feminina mediante a construção de uma poética da feminilidade, representativa de sentimentos reprimidos há séculos, uma vez que as representações femininas são, freqüentemente, projeções da fantasia masculina, em latente alteridade. A autora elege a categoria do "outro" como importante para a compreensão dessa alteridade, e a superação dessa limitação masculina exige uma lógica binária: um/outro, imanente/transcendente, sexo/gênero. Só assim a presença feminina na literatura poderá deixar de ser a construção da mulher artificial, de laboratório.

O sujeito multipersonal em O evangelho segundo Jesus Cristo, de autoria de Elielson Figueiredo, trata a questão das construções ideológicas do sistema religioso a partir da obra literária. Para o autor, em nome da Verdade e da preservação de paradigmas sacralizadores do Bem e do Mal, personificados nas figuras de Deus e do Diabo, a religião oculta o discurso maniqueísta que aponta dois caminhos que são excludentes, e que não considera a visão contemporânea do híbrido. Na obra em exegese, Figueiredo demonstra que o Caos emerge como a consciência que questiona estas dicotomias.

O plurilingüismo em Quarto de despejo: estes dias eu fiz umas poesias é um artigo de autoria de Doriedson Rodrigues e Salomão Larêdo que versa sobre o conceito bakhtiniano de plurilingüismo como o conjunto de linguagens que compõem o discurso do narrador romanesco, aparentando um caráter híbrido, porque, por mais que o enunciado seja de um só falante, percebe-se dois ou mais modos de falar, dois ou mais estilos, duas ou mais linguagens. Para a aplicação do conceito elegeu-se o romance *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Neste romance observou-se o plurilingüismo relativo aos recursos discursivos da voz, do gênero e da intertextualidade.

Liliane Barros, autora do artigo **Um estudo do romance na perspectiva espacial em Grande sertão: veredas**, de João Guimarães Rosa, e *Nós, os do Makulussu*, de José Luandino Vieira, investiga o espaço como categoria fundante da escritura narrativa, particularmente por ser geradora dos romances memorialistas em exegese. Trata, em particular, do simbolismo do espaço da caverna, como útero materno e renascimento e iniciação. A escolha de autores diversos da literatura em língua portuguesa — Rosa é brasileiro e Vieira angolano — ocorreu porque ambos formalizam uma estética do espaço, sendo que a cena em Rosa é rural e no caso de Vieira a cena é urbana.

Marcilene Leal, no artigo **A manifestação do boi-bumbá em Chão dos Lobos, de Dalcídio Jurandir**, constrói a ponte entre literatura e cultura popular, esta como refletida mediante a realidade periférica da cidade de Belém apresentada no romance *Chão dos Lobos*. Nesta obra, o narrador heterodiegético muitas vezes se confunde com as personagens, num labirinto que elide discursos e espaços, construído mediante as experiências do protagonista, Alfredo, dividido entre os estudos escolares e as manifestações da cultura popular. Nesse trancelim, o trabalho ajuda a pensar a cultura popular e sua manifestação do boi-bumbá como resistência das classes subalternas.